



Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Padre Benevenuto de Souza, Outeiro, Torres Novas.



O bello estado da sociedade portugueza no consulado rotativista :
 O commercio, ignobilmente preso ao fisco, enquanto o abutre dos monopolios lhe devora os principios vitaes—a industria, tratada a colheradas de protecção pautal e abundantes sangrias tributarias ; a agricultura, pasmosamente *desenvolvida*, ainda amanha a terra com os dentes d'um garfo.
 Mas nem tudo é mizeria : o monstro burocratico engorda com toda esta sordidez, e o Zé—que felizão !—lá está nos braços da fome e tuberculose !!

Zé

Politica



«**D**EPOMOS hoje as armas para exclamarmos com toda a força dos nossos pulmões:—Hurrah pelo Nacionalismo!

Sim, hurrah pelo Nacionalismo, que hoje nos dá uma exuberante manifestação de força com o seu congresso.

Aos seus chefes prestamos homenagem, publicando-lhe os retratos.

N'esses homens tem hoje o paiz os olhos fitos, esperando d'elles a salvação.

Saudemol-os pois, saudemol a comissão central do Centro Nacional de Lisboa, cujos retratos adiante vão, e o Centro Nacional Eleitoral do Porto na pessoa dos seus membros, os srs. conde de Samodães e Padre Pinto Abreu.

Soltemos, bem do fundo do coração, um entusiastico—hurrah!—pelos homens que, com uma dedicação nunca assás louvada, se puzeram á frente do movimento regenerador do Nacionalismo.

Descobramo nos todos reverentemente deante d'elles e proclamemol-os benemeritos da Religião e da Patria, que bem o merecem pela dedicação e desinteresse com que tem luctado em prol dos ideaes que nos norteiam.

Hurrah por esses valorosos athletas!

Hurrah pelos chefes do Partido Nacionalista!

Causticando

(AOS NACIONALISTAS)

Salvemol o paiz das mãos dos rotativos, Das garras da tramoiá e tanto desperdicio. Ergámol a Nação do fundo precípicio Em que vimos cahindo, ignobeis e captivos.

Mostremol ás nações que ainda somos vivos E não um definhado e misero resquicio D'essa patria Portugal tão nobre e tão patrio Que fez tremer o mundo em feitos redivivos.

Mostrémol que flammeja o fogo d'essa crença Que a Patria levantou a uma grandeza immensa Em que eu, por vezes sonho, em que eu, por vezes, scismo.

Salvemol o paiz de tanta frandulagem .. Dêmos-lhe o nosso sangue!... Eia! avante! Coragem! E a Patria surgirá mais linda d'este abysmo.

Colorau

A regeneração dos rotativos

«Restaurar o principio da legalidade, governar com a lei e só com ella.

«... Não servir os correligionarios—mas servil-os, a elles—senão nos logares que vaguem, etc.

Corresp. de Lisboa para «O Primeiro de Janeiro».

Era d'uma vez uns certos frades.

Os quaes frades tinham uma lei, estatuto, regra, ou lá o que era, que resava assim:

«*Fratres habeant unam tantum campanulam*—os frades tenham só uma sineta.»

E vai d'ahi, tratando-se um dia, em capitulo, de interpretar o sentido do tal estatuto, cuja observancia os frades muito zelavam, aventou um d'elles, que era o mais lido n'aquellas materias, o seguinte comentario:

Unam tantum, idest *plures*; uma só, quer dizer: muitas.»

E todos accordaram em que, por força do estatuto, deviam os frades ter muitas sinetas.

Ora, salvo o devido respeito, a correspondencia do *Joneiro* faz lembrar o caso dos frades, da sineta, do estatuto, e do peregrino commentario.

Ficamos pois sabendo: em o sr. Luciano de Castro carregando aos hombros com a pesada cruz do poder, levando por Cyreneu o sr. de Alpoim, tudo isto levará volta, tudo será remexido de *fond en comble*, tudo passará inexoravelmente pela estreita fieira da legalidade.

E immediatamente se ha-de estatuir:

«Art. 1.º—A lei é igual para todos. (*Cod. Civil*, art. 7.)

«Art. 2.º—Para exercer funções publicas, ou ser investido em logares remunerados, ou abancar-se á meza do orçamento, requer-se—*conditio sine qua non*—que o candidato faça juramento prévio de fé progressista.»

E assim, quando, *verbi gratia*, uma sopeira da capital aspirar ao posto immediato de ama de leite de qualquer ministro—quero dizer, dos graciosos *nênes* de S. Ex.ª, logo lhe perguntarão:

—A menina é progressista?

—Sim, senhor, para honra d'estas barbas; progressista até á medulla d'estes ossos que a terra ha de chuchar.

—Está bem; serve.

A uma *cidadã* que pretenda o logar de parreira em qualquer ministerio, ou, se tem modestas aspirações, em qualquer burgo sertanejo, perguntar-lhe-hão tambem:

—Qual é a sua politica?

—Tive muitas. Em criança, afficiei-me ao Fontes; depois fiquei na esquerda dynastica; d'ahi passei-me para o Zé Dias e para a Constituinte; mais tarde fiz vida com o Hintze; no tempo da concentração professei ideias vermelhas; em seguida consorciei-me com o Sultão de Alcaide; e hoje, arrendida dos passados desvarios, faço publica e solemne abjuração de toda a heterodoxia politica, e abraço do mais fundo d'estas entranhas peccadoras a santa fé progressista, na qual juro viver e espero morrer, pois reconheci que fóra d'ella não ha salvação.

—Está nos casos; póde entrar.

Um sujeito aspira ao logar de varredor municipal.

Tem para isso todos os requisitos e maturadas da lei: é bacharel em direito, concorreu 99 vezes para o logar de porteiro não sei donde, e mais outras 40 para o de amanuense não sei de quê; já esteve 3 dias sem comer, tem mulher e sete filhos, que vão na mesma educação, e que nunca saíram da sua agua furtada, porque tem apenas uma munta velha para cobrirem a nudez de todos oito.

Está, pois, nas precisas condições. Vae ter com o sr. Alpoim, e diz-lhe:

—Sr. Conselheiro, tenha compaixão de mim; tenho mulher e sete filhos, que já não comem ha 3 dias; eu tambem me vou deshabitando d'esse luxo de outros tempos. Tenha compaixão de mim!

—Não póde ser; não ha verba no orçamento para isso.

—Então, Excellencia, hei-de morrer á fome?

—Ou isso, ou fazer-se progressista.

—Pois bem, senhor, mal por mal... antes isso.

—N'esse caso, jure aqui.

(E entrega-lhe umas Horas).

O homem jura: De hoje em diante faço profissão de santa fé progressista, e por ella darei, se mistér fór, este resto de vida que a fome não pode levar.»

E o sr. Alpoim, solemne:

«*Et ego te confirmo*. Eu te confirmo e consolido na tua crença, em nome do Zé Luciano, que é pai de nós todos, do santo rotativismo, seu filho dilecto, e do seu espirito santo de orelha, que é o Navarro da esquina do Chiado. Para sempre. Amen.»

No dia seguinte vem no *Diario* este despacho:

F... bacharel progressista, nomeado, na conformidade da lei, varredor etc.»

Sr. Hintze Ribeiro: está V. Ex.ª muito bem vingado. Póde dormir em socego...

... Era um homem de talento, aquelle bemdito frade da historia, que se antecipou 4 seculos ao sr. Alpoim, que nos vae salvar pelo *recto*... uso da lei.

Argus.

Os salvadores!

Não é assim como se diz: Ainda ha muita gente boa, Que quer salvar o paiz, Principalmente em Lisboa!

N'este encargo tão louvavel Temos em logar primeiro, Um estadista notavel O grande Hintze Ribeiro! Um portento admiravel, E um sabio timoneiro.

Depois o Zé Luciano Homem de pulso a valer; Opposição todo o anno, Tambem faz de pae tyranno, Mas só para inglez vêr.

O Julinho de Vilhena, Figura um pouco pequena Mas firme, correcto, audaz, Bom sujeito, bom rapaz, Muito fino, muito liso, Com bom senso e bom juizo.

Para governar os lusos E compôr-lhe as avarias, Temos tambem o Zé Dias; Que sabe cortar abusos E sabe tambem os usos De muitas regedorias.

Mas quem agora mais brilha E causa mais sensação, Quem agora mais fervilha E' o Franco do Fundão.

Deitou um partido novo Ingente, pyramidal!... E promete dar um óvo Por menos de um só real!... Assim o disse ao seu povo No discurso inaugural.

E com voz accentuada, Declarou aos ouvintes, Que daria a consoadá Aos fieis contribuintes!... Ora digam com certeza Se o Franco não tem franqueza!...

Não é preciso mais nada Nem fazer maior questão; Basta só esta manada Para salvar a nação. Mas se algum melicuroso Não achar estes bastantes, Não se julgue desditoso, Porque ha ainda mais tunantes.

Temos o Dantas Baracho, Que dá p'ra cima e p'ra baixo. O gajo do Mariano, Que em manha peza quintaes; E o Carrilho, um cigano Em cifras orçamentaes. O Alpoim, barrigudo Que tambem é um dos taes; O Navarro que é p'ra tudo, P'ra tudo e p'ra muito mais! O Fuschini, homem d'arte, Segundo o que ahi se diz, E que mette em toda a parte O phantastico nariz.

Ora com estes portentos Não vale desanimar; São poderosos elementos Para este paiz salvar.

E se com estes valores A nação não fica farta, Então, meus caros leitores, Venha um raio que os parta.

Thomé Thomaz.

Consultorio

O meu amigo de Peniche, Bento Bentes Pellicas, que frequenta na Lourinhã, segundo diz, a escola de habilitação para concurso de escrivão de juiz de paz, enviou-me pelo correio da casa... d'elle a missiva que passo a transcrever:

«Ex.^{mo} e Illustrissimo meu amigo e senhor:

«E' com a maior satisfação que lanço a mão á penna para lhe pedir este obsequio,—por que a minha é ao presente como a do meu compadre Francisco, que para ahí foi a semana passada... quero dizer eu e elle, que também se quer habilitar para escrivão dos orphãos, passamos bem de saúde, que é aqui para nós, quanta lhe deseje, como amigo?»

«Ora a minha questão, meu deutor, é a seguinte?»

«Se eu fór nomeado notario de paz, ou lá como diz a lei, não sei como hei-de principiar aquelle officio que se manda a outro juiz, que se chama «carta deprecatória» que começa pelo nome de S. Magestade El-Rei! Porque, talvez o amigo deutor saiba, que se resona pelas gazetas, que as terras de Angola foram impredadas a um senhor inglez chamado Sir Milioes, que arrependido por ter enganado os portuguezes, passou o negocio a um Sindiquatro chamado «Compay—Companion and London»? e que agora já se falla n'outro negocio de Guiné que vai ser empraçada a outro sindiquatro?...»

«Ora aqui está a minha atrapalhão se me sae o inzame com carta deprecatória???. Porque se a Guiné vai passar, e Angola passou, como quem passou... passou... passou aqui agora, e eu fór chamado para escrever a conciliação, quero que me faça o obséquio de me dizer como devo encabegallar a deprecatória e em quantos artigos e paragarfos devo escrever a conciliação do auto.»

Peço que me escreva uma menutinha no «Petardo», pelo correio das Berlengas—Peniche—loja de cravão da Sãmartinheira, que é minha comadre.

«E creia que o meu voto está ao seu dispor.»

«Seu amigo

Bento Bentes Pellicas.»

Segue a copia do sobrescripto:

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} deutor «Joanito» advogado em Paio Pilaro»

Peço desculpa ao leitor, mas, se eu omitisse a transcripção, não seria facil avaliar até onde vão os meus mais que provados credits juridicos; e eu necessito de firmar a minha fama, por que, bem sabem, estou em principio da minha carreira.

Segue a Minuta:

Respondendo á carta consulta do meu amigo Pellicas... de Peniche, cuja orthographia recomendo ao sr. Candido de Figueiredo e á Imprensa Nacional, passo a resumir (se poder...) a formula da carta precatória, ou deprecatória, ou lá como quizer:

Formula n.º 1.

Carta citatoria, rogatoria, etc.

Dom Carlos 1.º por Graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'álem mar em Africa; directo senhor das terras empraçadas em Angola e Moçambique, e senhor absoluto das não aforadas, senhor de Guiné (emquanto é) e da conquista e navegação (se os barcos forem portuguezes); do commercio com a Itiopia, Arabia e Persia ainda... quera dizer—Persia e India:

Mando a vós meu etc.

Formula n.º 2.

Carta citatoria, rogatoria, ebolaria, myxtiforia... etc.

Dom Carlos 1.º por Graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, (e se fór verdade, do que duvido, que as colonias todas ou parte estejam registadas na «Caixa Penhorista London») e que foi senhor das conquistas de Guiné, Loanda e Moçambique, que o seu ministro I (grego) pôz no prego (em seguida a isto copie a Carta Constitucional):

Mando a vós meu Juiz de Paz (de fora, ou dentro, ou lá o que fór), do julgado de Fão, (de Cacilhas... de Palmella ou Castro Laboreiro) que, em cumprimento d'esta carta-precatória, etc. Pellicas já entende.

Quanto ao auto de conciliação (ou conciliação do auto) isso é caso sério.

Eu creio que os procuradores do tal negocio é gente muito honrada, incapaz de alienar um só botão que fosse da brilhante farda do nosso bondoso monarcha. E' gente fina, negociam em ovos d'ouro, e até ao longe são capazes de conhecer a pata que os pôz. Mas e nós formos infelizes—e elles—e que seja necessario lavrar auto, e o meu caro Pellicas fór o encarregado da redacção, aconselho o que se não metta em cavallarias altas: o simples, ou o simplez, como o diz o sr. Vasconcellos (com z final, que é muito bonito...).

«Paragarfos» nem um! Para garfo, e mais alguma coisa, arranjarão elles.

Artigos... era conveniente escrever os de Fé; mas receio que elles tenham fé de mais. Olhe se lhes impinge (que elles de certo assignam sem ler) as seguintes condições:

«Pelos procuradores foi dito, e disseram (não esqueçam estas palavras tabelliões) que, usando e abusando dos poderes que lhes foram conferidos, se compromettem, desde já, a ceder para sempre, fingindo que é por 99; e isto em quanto o Zé dorme (que dorme como um pórc!) que se compromettem a ceder e cedem, como dito fica, os melhores terrenos que o seu constituinte possui longe de casa; e que em principio de negocio recebem a titulo de signal umas luvas d'ouro para trazer em dias de grande gala.

«Disseram outro-sim que o preço da cedença lhes será entregue antes de cahirem da burra a baixo (a burra do dinheiro) para fazerem a tempo a desejada distribuição e fazerem caminhos... novos, que facilitem a entrada aos crédores; e que ao cumprimento hypothecam a honra de quem os atura, por ser coisa que não teem em sua casa.

Que se faltarem ás clausulas d'este compromisso... fazem a maior jura *in solidum* e todos juntos, sujeitando mesmo a fazer serviço no caminho do inferno... digo no caminho de ferro ou esperar, todos juntos, que venha um raio que os parta... metade para o partido republicano, metade para o socialista.

E de como assim o esperam dou fé, etc.» Não se esqueça de pôr nos outhorgantes o competente sello de... pás.

E para amigos—*gratis*.

Dr. Joamito.

O laponio e o burro

(ANECDOTA)

Um dia um camponez, um bruto, um *botecudo*, Levava pela rédea um burro lazarento Que no olhar, orelhas, pustulas e tudo Mostrava ser mui velho, de annos ter um cento.

Do caminho ao sair que dava pra um montado, Divisa um touro bravo, em furia tresmalhado.

O pobre *lapão* de sangue já sem pinta Colloca o burro á frente á laia de trincheira, E para realçar do quadro mais a tinta Na sombra se lhe põe, opposta á dianteira.

Passou um cavalleiro, um typo de gigante, E diz-lhe de corrida, oppresso e offegante:

—«Que faz ahí você? não vê que o touro bravo Que inda ha pouco saiu raivoso do cortelho, O pode espedaçar?» O outro em tom mui cavo: (Aponta para o burro)

Morrer! oh! por morrer, meu pae que é mais velho!

Mas o asno que era *fin*, ouvindo isto, irado,

Responde-lhe n'um zurro:

—«Meu filho, tens razão! na lei está marcado (E pena é que se cumpra! Emfim... o manda o fado!) Que morra o velho pae e viva... o filho burro...»

Nicolau Tolo em-Tino.

CARTAS

Do Porto

a Braga.

A tua carta, menina, Deu-me prazer infinito; Acho aquillo papa fina Alegre e muito bonito.

Dou-te um aperto de mão Com o maximo prazer, Pelo enorme galardão Que brevemente vaes ter.

Duas vias!... realmente, Não são para despresar; Por isso, se estás contente Não é para admirar.

Tambem n'esta occasião Nado em contentamento, Com um filho de feição Que tenho no parlamento.

Para o seu nome dizer E' cousa bem escusada; Mas se o queres conhecer Advinha esta charada:

Não é arroio, é torrente Que brame e ferve em cachão; Não deslisa meigamente; Feje em louco turbilhão.

Não é actor, é palhaço; Toca bombo em si bemol; Faz despicilar o bago Tocando gaita de folle.

Faz esgares, dá cabriolas E grandes saltos mortaes; Sustenta barras e holas, Como não se viu jámais.

Imita o grasnar mordente Do pavão e da cegonha; Dá saltos como a serpente Que já perdeu a peçonha.

Ameaça e insinua, Faz allusões picarescas; Como os charlatães da rua, Faz sortes rocambolescas.

E' saltimbanco, é dentista, E' orador paspalhão, E' musico, é flautista, E' cantor de barração.

Em tudo o seu nariz mette Com appetite mofoento; E já come como sete A' meza do orçamento!

Ainda assim, o magano, Ambicioso e ousado, Quer comer no Vaticano E no Conselho d'Estado...

Mas o prato appetecido Referveu, ganhou esturro; Elle então, enraivecido Dá pinotes como burro.

Se não decifreste ainda O heroe d'esta charada, Tem paciencia, minha linda, Com isso não perdes nada.

Porto.

Pela copia

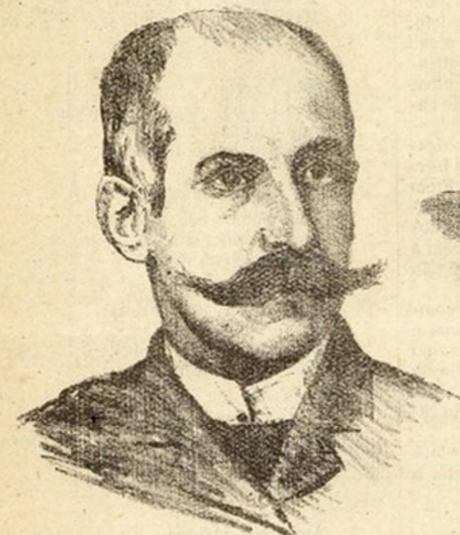
Thomé Thomaz.



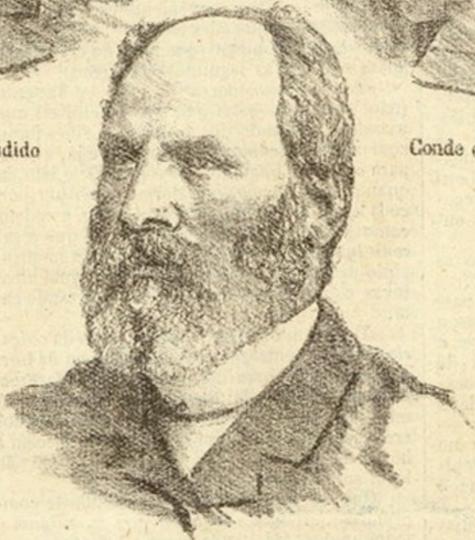
Conselheiro Jacinto Candido



Conde de Bertiandos



Dr. Garcia Pulido



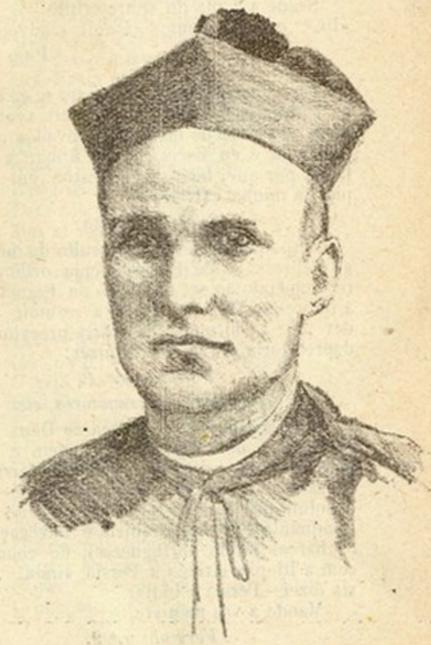
Dr. Antonio Mendes Lages



General Hugo de Lacerda



Conde de Samodães



Padre Pinto Abreu

DEUS E PATRIA



LEX
Ama o Senhor teu Deus sobre todas as cousas.

LEX
Ama o proximo como a ti mesmo.

Eis a missão do Nacionalismo: Fazer que a Justiça triumphe da corrupção, aniquilando-a, e a Verdade illumine com os fulgores da Fé o edial sublime—Deus e Patria—para onde o Nacionalismo vae encaminhar a angelica figura da Patria.

Salta, ou não salta?

—O maximo supersticioso!
 —Quem?
 —Quem ha-de ser, o Hint-Ze.
 —Pobre homem! para passar vida de maior supplicio.

—Não sabes? Hontem, no seu palacio do Estoril, jantar diplomatico.

—E' notavel! Nunca vi tanto careca junto. A' excepção d'uma eminente personagem, tudo alli era careca. Symptomatico!

—O jantar estava em meio; e sobre politica interna e externa já se fallava com calor.
 —Até as senhoras ministras sobre o escabroso assumpto discorriam *divinamente*; não lhes tinha negado as suas graças o Deus mythologico a que ellas com sorrisos e aristocratica gentileza libavam frequentes vezes.

De repente, é quebrado um copo de finissimo crystal.

Acto continuo Hint-Ze levanta-se da cadeira, e pallido, e tremulo, e convulso, leva as mãos á cabeça.

—Vae-me acontecer grande mal—diz—o que será? (*Supersticioso Hint-Ze creê que crystal partido é signal certo de desgraça*). E começa de berrar como doido ou possesso:

«Nacionalistas! Nacionalistas! João Franco! João Franco!» (São os dois grandes espectros para o homem da *casaca de ferro*).

—Socegue, socegue!—dizem os convidados—não é nada.

Mas o Hint-Ze berra com mais força: «Nacionalistas! Nacionalistas!... João Franco!...» E deixa tudo, e sae da meza, e corre para a cosinha.

—Sal, sal—grita.
 Os creados acodem com sal.

—Mas sal aonde, meu senhor?! sal aonde?!
 —Estupidos! idiotas! sal no lume.

—Prompto! prompto!
 —Esperem, deixem ver. O sal salta, ou não salta?

—O xal num é bibo, meu senhor, pra saltar.

—Cala-te, bruto. Tu não sabes que quando o sal não salta a desgraça é certa? Vê bem; salta? Não salta?

—Num xalta.
 Hint-Ze, ainda tremulo, põe a luneta—aquella luneta d'oiro com que tantas vezes brinca no mais aceso das refregas parlamentares, e que já o livraram de seria atropalhação.

Não salta, disse com voz triste e magoado acento. E desmaiou, e empallideceu.

—O *nacionalismo* vae—agora vejo—e eu não queria que fosse o *nacionalismo*!...

Ai! Ai! o *nacionalismo* vem a ser a minha queda, a minha ruina, a queda, a ruina dos meus...

N'esse dia foi expedido o seguinte telegramma para todos os governadores civis:

«Vigie chefes nacionalistas. Copo quebrado. Feita operação, sal não saltou.»

Hint-Ze.

O telegramma chegou alterado ao seu destino, porque dizia:

«Vigie chefes nacionalistas. Cabeça cortada. Feita operação, diga o que se passou.»

Já se vê, nenhum governador tomou a serio o telegramma.

Limitaram-se a telegraphar.
 «Não intendo telegramma que diz... (seguiu-se a letra do telegramma).»

Resposta do Hint-Ze.

«Não disse isso; mas se pudesse, era o que mandava fazer.»

Hint-Ze.

Pimentel da Pera Pinto entrando na secretaria do seu ministerio, iracundo, diz para o secretario:

—Quem é aqui o ministro? Eu, ou V. Ex.ª?

—Senhor, desnecessaria era a pergunta: conheço bem que não sou eu.

—Pois se não é V. Ex.ª para que faz tantas asneiras?

As botas do meu compadre

Que enormes botas, compadre que trazes! Cousa medonha! Não sei que nome lhes ponha, nem que epitheto lhes quadre!

Se alguma d'ellas se arromba, ou por cima se desfaz, não sei quem seja capaz de lhe deitar uma tomba.

São dois trastes de espantar! Com botas assim pimponas podes passar o Amazonas, sem os artelhos molhar.

Morreria de cobiça, se as avistasse, ou de pejo, o que outr'ora passou o Tejo com as botas de cortiça.

Se ao mar lanças uma, accordo que, em tempo ruim ou magnifico; podes metter-te ao Pacifico com dois mil homens a bordo.

Pelo amor á liberdade, se Combes alguma te pilha, faz d'ella nova Bastilha, P'ra lá metter todo o frade.

Que pena não as olhar o rei d'Albion, forasteiro! Levaria que contar p'ra terra do nevoeiro!

Armadas em fortaleza, junto ao Tejo, com canhões, se as visse, a esquadra ingleza dava terra p'ra feijões.

Se essas pernas com que trotas, Carrilho, tivesses mais, se fosses proporcionaes a estas arrogantes botas,

farias uma jornada sem gastar uma de X: podias de uma perna da pór-te de Lisboa em Paris.

Como estas botas nenhuma; e, em meu conceito profundo, ellas ambas são mais uva das maravilhas do mundo!

Joel Barsaba.

—Como grasma este corvo!—disse o impio-te junto d'um sacerdote que fallava com um amigo.

—E' signal de que lhe cheirou a carne de burro—juntou o amigo do sacerdote.

Economia

Já veio de serra em serra a *economia* encantada, por 'hi alem, de longada. Já chegou á minha terra.

Se o Zé povo ainda berra que a nação 'stá empenhada é porque a besta escaldada da agua fria se aterra.

E' vêr esta *economia* a engordar de dia a dia e cada vez com mais zêlo.

Quem mais augmenta a receita que as finanças indireita são os furrieis do sello...

Tristão Zarco.

Ao fim da linha

Indo em comboio um barbaro assassino

E um seductor immundo

Com certo jornalista jacobino,

Que valia por ambos n'este mundo,

Passaram todos tres, sem choquo forte,

Adormecidos a estação da Morte,

Mas logo despertaram

E com furor gritaram:

—Irta! como isto queima! Com seiscentos!...

Pergunta o jornalista:

—Em que tunnel estamos, machinista?

—E' o primeiro tunnel dos tormentos.

E n'aquelles reconceavos atrozes

Retumbam estas vozes:

«Inferno! Maldição! Eternidade!

As conquistas finaes da Liberdade!»

Só para mulheres

Uma palavrinha só, minhas senhoras. Sabem que ainda ha homens em Portugal?

Se duvidam perguntem aos cavalheiros do seu conhecimento, se os campeões da causa nacional, que á data d'esta folha se reúnem na cidade da Virgem em congresso, não tem o que se chama hombridade. Não digo mais. Vossas excellencias sabem o logar que lhes compete n'este movimento patriótico: não são lá chamadas, não tem voz em capitulo (phrasa de convento que ainda me escapa), não botam discursos politicos como as cigarreras e tecelozas; mas fazem mais do que isso, põem-se no seu logar, recordam a seus irmãos, a seus maridos, a seus filhos que houve falta de valor viril, ha dois annos, em quasi todos, e dizem aos homens uma só palavra: *Sejam homens*.

Se me dão licença, em duas linhas contolhes um caso historico.

O ultimo rei moiro de Granada, Boabdil, a quem os hespanhoes chamaram *el rey chico*, quando largou a cidade em virtude da capitulação a que foi reduzido por Fernando o Catholico, ao retirar-se d'ella, parou em um alto, que desde então se ficou chamando *el suspiro del moiro*, avistando d'alli toda a sua—já não sua—bella Granada, suspirou com lagrimas em fio, como quem se despedia d'ella para todo o sempre. E na mesma paragem sua mãe, que o acompanhava sem chorar, disse-lhe severa:

«Bem é que chore como mulher, quem não soube ser homem.»

Agora é tempo de dizermos a muitos portugezes:

«Sejam homens, e não tornem a chorar como mulheres.»

Com isto, não as infado mais... E o promettido? E aquelles nomes classificados pelo tal sabio?

Não foi esquecimento ou desmemoriação, creiam; mas a absoluta falta d'espaco (nas gazetas a falta d'espaco é sempre absoluta) ainda n'este numero me não permite continuar esse rol. Não perde pela demora; sómente a curiosidade soffre, se é que vossas excellencias são curiosas, e não deixam aos homens esse tributo.

Lina Fina.

Na nossa India

Li n'um artigo de fundo
 Que depois d'esta semana
 Ha de nascer n'este mundo
 A republica indiana.
 Eu declaro já que adhiro,
 Porque em verdade prefiro
 O phantastico d'um sonho
 Ao viver sem ideal;
 Uma condição imponho:
 Não me façam presidente;
 E pois fica tudo equal,
 Dé-se tal cargo eminente
 Ao *begarim* mais boçal.

Pákló.

Um Sansão

«Na Varzea dos Cavalleiros,
Certa, o proprietario José Maria
matou 5 javalis com uma
enxada»

(Primeiro de Janeiro de 21 do corrente)

Tenho andado a scismar,
'Stou farto de matutar,
'Stou cansado de pensar,
E não posso atinar,
E não logro acertar
Como, sem necessitar
De a enxada levantar
Cinco vezes para o ar
P'ra as cinco feras matar,
Póde o gajo espafifar
Os javalis e ficar
Seus triumphos a cantar!

Metter um sacco no mar
Com dez gatos p'ra afogar;
Uma cajadada dar
E dois coelhos matar;
Dentro d'um forno assar
Cem frangos por depennar,
Inda vivos, a cantar,
Depois de a porta tapar;
Uns trinta ratos tinar
Na ratoeira a chiar,
Sobre o fogo a creptar;
C'um só bolo envenenar
Cinco ou seis caes a ladrar;
Podia-se acreditar.
Mas a enxada levantar
E logo exterminar
Tanto bicho... A mangar
E dos leitores a zombar
Com certeza que ha de estar
Quem tal coisa vem contar.

Mas se teima em affirmar
Que o facto se póde dar,
Nós ousamos comparar
O tal, que se vem gabar
De os bicharocos matar,
A Sansão, que derrotar
Póde um dia, sem cançar,
Muito mais do que um milhar
De philisteus, só com dar,
Como quem 'tava a brincar
Com os queixos d'um muar
Sobre quem q'ria matar.

S. Chaupança.

Pilhéria antiga

Carta d'inquirições para
um casamento

«Senhor... E' verdade que hontem falei
sobre o casamento d'este rapaz com quem o
conhece perfeitamente, e aqui lhe dou a mais
inteira informação do que o moço é e do que
o moço tem. Em duas palavras: este moço an-
da arrebatando pelas ilhargas por casar. Elle,
quanto á pessoa, é muito bem tirado das ca-
deiras; masca tabaco de folha; não bebe vinho
senão por copo; e não fará mal a uma mosca.
No que toca á qualidade, é quente em agosto,
frio em janeiro; é filho, nem legitimo nem bas-
tardo, mas boal, de gente de sangue no olho,
porque todos na sua ascendencia tiveram os
olhos vermelhos até á decima sexta geração. E'
limpo, sem costella de porco judeu, sem carepa,
sarna ou qualquer outro genero de hostellas;
dizem que descende da forneira de Aljubarrota
e de D. Fuas Roupinhas, em fim gente que
nunca ninguém lhe poz o pé deante. Tem os
olivaes de Santo Antonio em Coimbra, todas
as uveiras do Campo da Vinha em Braga e
uma morada de casas no mais alto do Marão;
tem mil reis e tanto a razão de juro; uma duzia
de pratos já quebrados, porem em muito bom
uso; muita roupa de francezes; dois moinhos
no logar dos queixos, duas capellas nos olhos
da cara e uma mina de caróços no pescoço.
Joga, mas pouco; porque não é senão a bilhar-
da para se divertir com alguns amigos. Tem

duas mortes que fez no collarinho da camisa;
mas já se não fala nisso. Teve em Lisboa um
tio, odre dos toiros, homem galantissimo e de
bom humor; ao depois não sei em que se tor-
nou. Tambem é parente chegado do homem da
capa preta e do doutor da mula ruça. A mãe
tomou muitos annos os pontos ás meias de S.
Francisco, e o pae fez alguns pares de calções
para S. Sebastião.

Senhor, por abreviarmos: este moço é illus-
trissimo no sangue, pode fazer paños, salpicões
e chouriços. Se v. mercê acha essa senhora
com prendas que o eguallem, ajustar-se-ha:
quando não, não se metta em panno de quinze
varas; porque este moço esteve apalavrado para
casar com a Braga Fiel, e por lhe dizerem que
era amiga de romarias e que tivera dares e to-
mares com um tal Guimarães, deixou-a. Elle é
um anjinho de condição, muito escoimado ou
escamado e brioso. Se v. mercê falar com elle,
verá a laia do moço, que já não é creança.

Advirto a v. mercê que essa senhora ha
de ser menina e moça até aos quatorze annos;
d'ahi para cima tem que trazer por cada anno
a mais, ou menos, mais dez contos de reis.
Elle já lhe mandou fazer uma borracha de seis
canadas, uma roca com seu fuso e siso, um
afogador d'esparto e um adereço de arco de
pipa. De lá não haja falta no enxoval nem nos
papeis de alinetes.

V. mercê terá grandes luvas, se faz o nego-
cio, e pode ainda esperar por sapatos de de-
funto.

O Manuel levará um livro que o noivo tem,
mas é mathematico sobre as mudanças do tem-
po e das mulheres. Eu estou fazendo umas
cantigas; e, por me não fallarem os pés, irei
buscar os de v. mercê... etc.»

O original d'esta carta mandadeira e casa-
menteira encontra-se nas obras de Francisco
Rey de Abreu Matta Zeferino, petardista clas-
sico do seculo XVIII. Esta nossa copia é fiel
com poucas alterações, mas com muitas omis-
sões de informes mais intimos, que as leitoras
não precisam de saber, visto que o tal noivo
morreu de paixão, tendo perdido a noiva no
terremoto de Lisboa.

Requerimento

Vulcano de tal e tal,
Filho de paes incognitos,
(Não confundam c'o immortal
Filho de Jupiter divinal,
Mestre dos Cyclopes indomitos),

Natural da freguezia...
(Não se diz, que é segredo),
Onde dizem que residia,
E onde tinha morgadia
D. Quixote, o Melte medo;

Com gran copia de serviços
Na gazeta official,
Mui versado em feitiços,
Amador de bons chouriços
E piadista sem rival,

Como provará p'las bellas
Subsequentes produções,
E que dará ás trelas
Fustigando uns tagarelas
Vadios e mandriões;

Que sem beber lá do fino,
Sabe muito bem quem são,
Um Hintze e um Zé ladino,
Astuto finorino mandarino,
E um tal Festas, o Pavão,

E outros que taes e tantos,
Patriotas devotados,
Como um tal Soisa e quantos
No poleiro dos encantos
Tem assentos reservados;

Que, quando não encontrar
Assumpto mais variado,
Dirá p'ra desopilar
Que está um frio de rachar
Para não estar calado;

Que prova ser vaccinado
C'o a lanceta milagrosa
D'um medico afamado;
Sendo assim preservado
De molestia contagiosa,

Deseja em taes condições,
Que o nome figur' tambem
Nas famosas legiões
Dos petardistas figurões
Na hora de Deus. Amen.

Por isso pede a quem compete,
Com respeito, já se vê,
Que o inscreva, que o espete
No rol, onde os outros mette,
E receberá mercê.

Vulcano.

Correio de casa

Vulcano.—Entras cá para casa, não ha
duvida, porque tens uma boa bolha petardista
que, bem aproveitada, te póde levar longe.
Mas não esqueças que, para versejar, não basta
ter bolha: é necessario ter metro. E tu, meu
Vulcano, entendes que o metro só se fez para
os caixeiros, alfaiates e modistas, e despreza-lo
com uma sem-ceremonia que, por vezes, nos
mexe com os nervos. Mede, pois, a fazenda
antes de a mandar para o freguez, afim de que
não succeda, como tem succedido, que umas
vezes mandas de mais, outras de menos. E o
alfaiate cá de casa nem sempre está disposto a
pôr as faltas e a abotoar-se com as sobras. D'ora
avante mandarás a fazenda bem medidinha,
não é assim? Se não, vaes fazer penitencia
para o cesto dos papeis inuteis, sem appellação
nem agravo.

Siracusa.—Modera os impetos, joven.
Terás razão ou não a terás, confirme a luneta
por onde se vir a questão. Nós, porém, é que
não estamos dispostos a vêr por uma ou por
outra. Estão ambas muito porcas e nós só lo-
brigamos porcarias, que exigem expropriação
por utilidade publica. E por aqui nos queda-
mos, sem levantar mais o veu, porque essa
flor tem muitos espinhos.

Saltão.—Não achamos graça alguma ás
tuas piadas ao Fervilha. Palavra d'honra que
nunca vimos coisa tão enossa como a tua pro-
sa. Talvez seja d'estarmos hoje mal humorados
e pouco dispostos para a leria, talvez. O que
mandaste vaer para o lixo, mas não desanimas:
ins'te, porque n'outro dia de menos bolha,
talvez tenhas melhor sorte. Estas mudanças
bruscas do frio para o quente mexem-nos sem-
pre com os nervos.

Ritinha.—Vai bugiar! Entrega a versa-
lhada ao Julio Dantas para elle a metter na
Severa, que lá cae ella como sopa em mel. Cá,
nem para limpar... o pó da mesa nos serve.

Brandão.—Serás tu o bispavel? Se não
és, és o diabo por elle... na grammatica e até
na calligraphia. Não pódes ser servido, porque
nós não queremos saber se o emprestimo dos
18:000 contos se faz a favor ou contra a Com-
panhia dos tabacos. O Petardo não trata d'es-
sas coisas somenas. E' mais elevada a sua
missão: fazer coegas sem beliscar... de leve.

Logographo

(Do numero anterior)

Decifração:—Florenca.

Enygma

(Do numero anterior)

Decifração:—Etna.



O futuro de moralidade, justiça e caridade, trará o Progresso moral, intelectual e material equilibrado de modo a assegurar a felicidade a todos os homens de boa vontade.

ZERO